

ANNO 1

O PÃO

NUM. 4

... da Padaria Espiritual

Numero avulso 100 rs.

Assignaturas para capital por mez 500 rs.

Pagamento adiantado

Numero anterior 200 rs.

Não se acceta collaboraçãe.

Amor e trabalho.

AVISO

Para attender a pedidos instantes, resolvemos accoitar assignaturas, para o interior a 2:000 rs. por trimestre.

NOTA: o pagamento será adiantado.

PÃO

Fortaleza, 13 de Novembro de 1892.

Artigo de fundo

(DO COMO VAI SENDO DERIGIDA ACTUALMENTE A FERRO CARRIL)

Não somos lá uma instituição, bem o sabemos; mas também não somos lá uma inutilidade, como quer parecer a SS. os Srs. burguezes, que, para honra nossa, tanto mal nos querem.

Não! quando é preciso somos os primeiros a esquecer futilidades como os sonetos do Mario Chaves e a voltar o espirito para as cousas positivamente sérias.

Agora mesmo vamos tomar a peito, com todas as forças que nos animam, a questão mais séria da actualidade e consequentemente a questão que mais preoccupa actualmente o espirito do respeitavel publico.

Referimo-nos á direcção que vai tendo o serviço da Companhia Ferro Carril.

O serviço da Ferro Carril, leitores, pode ser tudo: confusão, anarchia, desordem, chãos e outras tantas cousas semelhantes, nunca, porem, direcção.

Para prova de tão lastimavel verdade, não é preciso que recorramos aos incidentes que se reproduzem cada dia e em cada linha da Ferro Carril; basta que voltemos as vistas para o movimento da P. do Ferreira para o Prado, todos os domingos.

Aquillo é simplesmente um horror. Cada familia, ou para melhor dizermos, cada simples mortal que se disporer a ir ao Prado deve fa-

zer seu testamento, ou a revelação de sua ultima vontade, e tomar todos os sacramentos da ultima hora, por que, sem o menor exagero, vai correr em semelhante trajecto o maior perigo da vida.

Jesus Christo, no caminho do calvario, não foi capaz de supportar via tão dolorosa.

Por volta das 11 horas do dia chega-se á P. do Ferreira, e ali se encontra de um lado e outro da linha cerca de 2000 pessoas, disputando cada uma por sua vez um logar-sinho em cinco ou seis carros que a illustre companhia digna-se offerecer á concorrência publica.

W. Tupiniquim.

(Continua)

—o—

A branda luz dos teus olhos lembra um pharol peregrino. a bilhar entre os abrolhos do meu sombrio destino.

S.

Confeitos

JA E' TARDE!

E' alli naquelle bosque solitario, á mesma hora adiantada do crepusculo, quando os passarinhos, rumorejando as azas pelas folhas, buscam poisada na copa das arvores—que os namorados Luiz e Bertha, se separam todos os dias, felizes, repassados de ventura e de amor.

Eil-os de novo sentados ao pé da janipaba, juntinhos como um casal em lua de mel. O sol não tarda pôr-se, já das serranias distantes vão as sombras procurando os valles; prolongando o negro manto, para diante, para diante, extenso e infindavel como se quizesse envolver toda a terra.

Os dois nem erguem-se para partir como se não bastassem as cousas cheias de doçura e paixão que disseram, para se verem e amarem-se outra vez em sonho na longa noite que se aproxima.

Um instante cahem em si, no meio daquelle especie de lethargo de amor, em que se haviam esquecido...

—Luiz, diz Bertha, sobressaltada, fitando as sombras que ameaçam cobrir o solo, já é quasi noite!

E suspende-se um pouco, como implorando para sahir, mas este enlaça-a com um braço pela cintura, brandamente, attrahindo-a para si.

—Não, não, supplica este meigamente. Mais um momento. Está tão claro ainda! Escuta, meu amor, a noite é, longa e solitaria: deixa, antes que ella venha, ue eu olhe bem para ti, assim... que eu contemple os teus olhos, a tua bocca e veja a curva de teu nariz que acaba tão linda. Si tu juras amar-me e crê no meu puro amor, porque temes estar com-migo, mais um instante?

—Luiz...

—Escuta, flôr, não quero que vás agora. Outra hora ce felicidade...

E com ella ainda cingida como para retel-a, fita-a supplicante,

SABBATINA

12 de Novembro

cô m ternura inefavel. Está ta bella !

Os ultimos raios do sol desap pareceram no horisonte oseure cido e lá, longe, no centro de bosque, sob os arvoredos e noi te... é noite.

--Luiz, diz Bertha, com receo querendo sahir-lhe dos braços, deixa-me ir, é tão tarde Os seus olhos orvalham-se de duas lagri mas brilhantes que tremiam tre miam e cahiram em silencio

--Tu não me amas, diz elle, si tu me amasses, que te importava a hora adiantada da noite, as tuas apprehensões, os teus temores?

Tudo se dissiparia ante a mi nha vontade que te diz que é cedo. Olha para mim não chores, não chores

Elle aperta a contra o seio, sen tindo-a solucar. Tudo om effeito é escuro, nem uma luz nem uma claridade. Até as estellas estão sob nuvens pesadas que enchem o céu enegrecido.

--Não chores, epete elle.

Bertha sente-se desmaiar.

Luiz opprime-a ainda, afagan do-lhe a cabeçinha, beijando de vagar com respeito e amor, a testa, os olhe a bocca, longa e suavemente...

E a noite ja está tão escura, es cura como uma noite de inver no....

Moghar Jandira.

—o—

Na Avenida :

--De onde vens assim tão ama rello

--De Amazonas.

Vens de vez ?

Não; venho maduro....

Succedem-se os dias, pas sam as semanas, findam os mezes, e a vida, a triste vida humana fi gura-se-nos cada vez mais mono tona e mysteriosa, com as suas suas miserias eternas e o eterno desespero daquelles que, por uma lei absurda e estúpida, são obrigados a trabalhar, como uma besta, de sol a sol, de manhã á noite, incessantemente, sem des canço, para o fim de não morrer p'r'ahi, de fome, como cães sem dono, n'um desprezo absoluto, aos pontapés da burguesia rica.

Por isto é que eu digo, submis so e resignado, com uma lagry ma a tremeluzir indecisa no canto do olho esquerdo.—Felizes os que têm bastante dinheiro para jogar no Prado, e que dispõem de ma gnificos pulmões para gritar, como uns possessos, no auge de um en thusiasmo todo hypico-- *Miroveu na ponta !*

Estas reflexões farias-as quem quer que estivesse no meu lugar, sem vintem no bolso para ir ao Prado domingo, e, o que mais é, sem um assumpto para a chroni ca de hoje.

Nada mais triste do que uma pessoa ser doida por cavallo e ver-se constringida, por força das circumstancias *nikedinas*, a não pôr os pés:hos no Prado e a deixar-seficar em casa, burguezmen te, estupidamente, ruminando planos inexequivéis, a construir castellos no ar, com um tedio sem nome a espicaçar-lhe todas as fibras de organismo, emquan to os outros, os felizes, lá vão áquellas horas, radiantes de con tentamento, com os bolsos rechea dos, gosar as tepidas emoções de um dia de sol no Prado.

—Chorar não vale, dirá o leitor com justa razão ao ler este pedaço de philosophia d'algibeira.

Mas, que diabo! a gente tem nervos e o nervo é tudo na vida humana. O nervo é o vehiculo de todas as sensações que a humanidade experimenta. O nervo faz rir, o nervo faz chorar. Um homem, sem nervo é... é o que os senhores quizerem, mas não presta p'ra nada.

Agora, si o leitor não tem nervos, então fica o dito por não dito, e vamos a ver o que diz o meu canbenho de notas...

* * *

Só p'ra moer O sr. Mario Chaves fez-nos o favor de ler o que dissemos sobre a sua reverendissima pessoa, e, quando menos esperavamos, dedicou-nos um soneto daquelles que s. s. faz às duzias, a titulo de *poesia materialista*. Agradecidos, agradecidos, mas, permitta-nos o sr. Chaves que lhe devolvamos intacto, como sabiu de suas entranhas queremos dizer das entranhas de seu cerebro, o referido *mimo ao Pão*.

Aqui em casa só se recebe objectos de valor, e o soneto do sr. Chaves não tem valor nenhum.

Entretanto, para não desgostarmos ao illustre *moedor* da «Republica», offerecemos-lhe uma lista dos principaes deuses e semi-deuses da mythologis antiga, como subsidio aos seus estudos.

Eil-a: «Jupiter, Jehovah, Allah, Adonai, Theos ou God (chamem-lhe mesmo Senhor)» Apollo, Abellion, Adite, Aghui, Ahoura-Mazda, Ammon, Argaman, Vischnú, Vitzliputzli, Vertumno, Phtha ou Fta etc. etc., e mais todos os philosophos citados pelo sr. José Faustino na sua *Memo-ria sobre as quantidades negativas*.

Ficamos quite nós e a «besta-ua» do sr. Chaves. Adeusinho

Felix Guanabarno

—(o)—

Missa flor de rosmarinho,
Oh minha estrella polar,
Ilumina o meu caminho
Com os raios de teu olhar.

S.

—
Entre Coringa e o Jesuino:
A cura está o «caimbo»?
«Num» sei:
«Num» arrecebeu «taxa»?
Agora, não; arrecebi pregos.

—o—
CARTEIRA

Folheando nossa carteira, encontramos as seguintes notas:

* * *

Chegou afinal a Companhia de Operetas, que fará sua estréa terça feira proxima

Entre as peças ainda não conhecida de nosso publico, conta a companhia as excellentes operetas *Surcouf*, *Amor noitado* e outras.

Contamos por certa que a companhia vai ter casa cheia em todos os espectaculos, attento á sympathia de que gozou alguns de seus artfstas e á queda que tem nosso povo pelas musicas ligeiras e pelas pernas mais ligeiras ainda que se exhibem no saracoteio dos can-cans.

* * *

Cumulo de deshumanidade:
— Negar mortalha para um.. cigarro.

W.

Realisou-se esta noite nos salões do Club Irajema a partida inaugural do Club Stella, que por signal esteve deliciosa.

Rapazes alegres por indole, como somos, só temos que applaudir a o apparecimento de mais uma sociedade de dança, porque não ha nada mais idiota do que um sujeito *sério*, na accepção carancuda da palavra.

Mil graças pelo amavel convite que nos foi dirigido.

EPIGRAMMA

As cobras que tem no anel
Certo medico allopatha,
São, de certo, cascavel:

—Onde elle põe a mão—mata.

M.

—(o)—

Cumulo de fraqueza, :
Não ter força para erguer
...um brinde.

S.

—(o)—

N'uma roda de calçada :
—Ai, ai! — diz um rapaz es-
preguiçando-se n'uma cadeira,—
estou muito preciso de um acon-
chego....

Uma senhora que está a seu
lado, entende mal e pergunta
muito admirada :

— De uma cocheira ? !

—:—

CELEBRIDADES CON- TEMPORANEAS

VII

Condor

Filho de Sobral, terra que tem
dado tantos filhos illustres ao
Ceará e que o Diogenes chama a
«princesa dos sertões», o Condor

tem mostrado em nosso hypodro-
mo a rasão de ser do proverbial
orgulho sobralense.

Educado pelo Diomedes, o rei
dos nossos jockeys, o Condôr en-
trou no Prado com tres de quem
entra em casa do sogro.

E tinha rasão, porque as suas
primeiras corridas foram outras
tantas victorias.

Enthusiasmado com isso, um
cidadão afrouxou os cordões da
bolsa e comprou-o por uma soma
um tanto exagerada.

Parece que o brioso animal
sentiu-se da ingratidão do Diome-
des, porque, domingo passado, fez
uma figura bem rata, benza-a
Deus.

Alguns maliciosos affirmam,
porem, que a derrota do Condor
foi devido ao desgosto que lhe
causa o appellido do seu actual
proprietario, o que faz com que
elle se confunda com os cavallos
do circo que são *montados* pelo
dr. Lulu.

VIII

Surcouf

Um cavallinho cheio de «cho-
ve e não molha».

Dias ha em que põe o Cicero
doido de alegria e com os bolsos
recheiados de *brutas* de cem.

Em outros dias, porem, dei-
xa-se ficar na ponta... de traz,
deixando o Cicero com os bolsos
virados pelo avesso e com a cabe-
ça inda mais pellada.

Como nas duas u'timas corri-
das tenha o Surcouf se conserva-
do na bagagem, é provavel
que hoje tome uma desforra, fa-
zendo ao publico uma de suas
costumadas surpresas.

Os leitores d'«O Pão» não fazem mal, pois, em arriscar uma poule no Surcouf.

*
IX

Quixadá

O facto mais notavel de sua carreira (carreira aqui significa a profissão e não o acto de correr) foi a sua rivalidade com o Fumaça, o que deu logar a curiosos e encançados pugilatos, de que sahio vencido, embora com diminuta vantagem.

Mas, como todo sujeito que apanha, o Quixadá desgostou-se, de formas que estes últimos tempos não têm sido de rosas para elle e, por conseguinte, para o João Balthasar.

O Quixadá, é, entretanto, um valente animal apto para as mais brilhantes victorias.

M.

—o—
Cumulo de voluptuosidade.

—Beijar a bocca... da noite.

S.

—o—
Authutico :

Passa um menino vendendo agua e diz-lhe um gaia-to :

— Vai vender alli na *Padaria Espiritual*.

— E aquillo é padaria ?

Não é, não, mas chamam....

Cumulo de soffrimento

— Tragar o calix... de uma flor.

W.

BOLACHINHAS

O circo de cavallinho
Que o povo tanto aprecia,
E' hoje que o delicia
O gosto do Zé-Povinho

Além dos demais artistas,
Tem o circo a Mariquinha,
Dois negros equilibristas,
A Georgina e a Cotinha.

E o bode, pelo que vejo,
Conforme se diz e conta,
Tem-nos dado bom cotejo
Está na ponta... da ponta !

Polycarpo Estorvo

—o—

MALACACHETAS

V

Saio p'ra ver a *pequena*,
— Contente, flor na lapella ;
A tarde serena e bella
Inunda a amplidão serena.

Si eu não a encontrar que pena !
Eis ali á casa d'ella..
Vejo um vulto na janella..
Parece que alguém me acena..

Mas a sorte malfadada
Minha esperança mallogia ;
E sinto um frio na espinha

—o—
Porque vejo na sacada
A minha futura sogra
— Magra, terrivel, sósinha

Moacyr Jurema

Um pote de doce

Nosso collega Lucas Bisarro, que se acha exilado em Granja, teve uma idéa bisarramente gentil, so digna delle.

Imaguem qual fosse a idéa do Lucas...

Não advinham?

Pois fiquem sabendo que o Lucas mandou a Padaria, pelo ultimo vapor, nada mais nada menos do que um pote de doce de cajús acompanhado de um punhado de quadras tão doces tambem que nós achamos que o que elle mandou foi um punhado de cajús rimados e um pote de versos em calda de assucar.

Entendendo que o pote de doce não chega para os leitores d'"O Pão", resolvemos offerecer-lhes somente os versos -- deliciosos bons -- boccados que a gente devora com os olhos.

Eis os versos:

PADEIROS,

I

Desse potinho de barro
Vão o miolo comendo,
Qual se estivessem mordendo
O proprio Lucas Bizarro

Tupiniquim que presida
E o Moacyr que reparta
Deformas que fique farta
Vossa pança... *cajúcida*

O glorioso Jaguar
E o terramental Estoiro,
Cubrão com pilherias doiro
A nudez do meu jantar.

Que trocem a burguezia
O Satyro e o Frivolino,
E dê *ondias* de harmonia
O Sarazat no violino

O bom e grave Correggio
Não seja de tinta avaro:
Pinte um medonho ignaro
Com ar do professor regio...

Eu lembro que tomem nota
Para que haja o que agrada
— O foguete da enedocta
E a bomba de gargalhada.

E para que isso saia
Que passe do riso ao choro
Chamem um que faça côro
Com o Paulo Kandalaskaia.

O' Felix Guanabarino,
Para que tu não me escapes,
Traça uma chronica a lapis
Desse banquete genuino

II

Vamos, comei-me esse doce
Gulosa, soffregamente!
Modestissimo presente
D'um padeiro que lembrou-se

Dessa bohemia alegria,
Desse aconchego divino
Que fazem da Padaria
O nosso Bairro Latino.

Pois creio que até Jezus
De tédio cansado e morno
A's vezes desce da Cruz
E vai flamar pelo Forno...

Concluo. Não me agradeçam
Por quem saonão se incomodem
Vá! os pilherias que desçam
E os cumprimentos que rodem!

Que eu em nome da Alegria,
Dos alvos rizos guereiros

Lego o meu doce aos Padeiros,
E o meu pote á Padaria...

Lucas Bizarro.

Granja, Novembro de 1892.

—o—

SACCO DE OSTRAS

(MAXIMAS E PENSAMENTOS)

O o dio é o caminho mais curto
para chegar ao amor.

Paulo Kandalaskaia

O burguez é como uma boia
não vive nem végéta — fluctua.

Satyro Alegreto.

A actual falta de trocos é a ta-
boa de salvação dos caloteiros.

Polycarpo Estouro.

O ciume é o tempéro do amor

Silvino Batalha.

A confissão é o labarraque da
consciencia.

Wencesláo Tupiniquim

O Evangelho é o maior monu-
mento philosophico de todos os
tempos.

Anatolio Gerval.

Amor... uma excellente rima
p'ra Dor!

Moacyr Jurema

ENTRE UM PADEIRO E O MESIANO

Tem monoculos ?

Tenho. .

Deixe ver dos mais finos.

E' o que ha de mais fino (mos-
trando).

Ora... estes não servem

Não servem ?!

Não, snr.

Porque ?!

Porque não são finos.

Ora, não são finos !... E o snr.
encontra mais finos de que estes ?

Não sei ; mas o que é certo é
que estes não servem absoluta-
mente : queria cousa muito mais
fina, custasse o que custasse.

Mas então para quem é este
monoculo ?

Ora p'ra quem é ! o Snr não
tem nada que ver com isso.

Sim ; mas eu pergunto porque
as pessoas mais exigentes ficam
satisfeitos com estes.

Pois bem ; é para... o Olho da
Providencia....

W.

—o—

Entre dous Padeiros :

—E' bem certo o adagio :

—casa de ferreiro, espêto
de páu.

—A proposito de que vem
isso ?

—A proposito de não te-
rem chave os sonetos do Ma-
rio Chaves.

—Perfeitamente ! E' o ca-
so de perguntar : — *seu Ma-
rio, que dê las chaves ?*

Typ. d'O Combate— Rua
Formosa n. 131.